

Desenvolvendo a Comunidade Através de sua Energia Transformadora Endógena

Carolina Lopes Araújo
Maîtrise ès Sciences de la Gestion
Faculdade Novos Horizontes / Centro Universitário UMA
QRSW 2, bloco A6, apto. 206
Sudoeste
70675-206 - Brasília, DF - Brasil
carolina@uma.edu.br

Resumo

O trabalho de pesquisa – ação relatado no presente artigo buscou desenvolver, juntamente com a comunidade, um modelo de ação coletiva para o desenvolvimento social local. Para tal tarefa, apoiou-se em conhecimentos teóricos sobre as áreas da gestão, psicologia social, da economia e da sociologia e no conhecimento empírico da realidade experimentada pela comunidade, visando oferecer soluções plausíveis e possíveis para os reais problemas enfrentados pelo grupo junto ao qual esse trabalho foi desenvolvido. Apoiando-se em três pilares fundamentais, sejam: o empowerment do grupo, a prática da ajuda mútua / desenvolvimento do capital coletivo na solução dos problemas e na auto-gestão / auto financiamento, foi possível de construir um modelo para o desenvolvimento sócio-econômico a partir das forças da própria comunidade. Os resultados de tal prática são duradouros e sustentáveis, de modo que acreditamos ser importante e totalmente viável pensar numa possibilidade de reaplicar tal modelo em outras situação, guardando-se, para tanto, a devida atenção e adaptação em relação às peculiaridades de cada comunidade que o empreenderá.

Palavras-chave: Desenvolvimento Local. Empowerment. Comunidade.

Abstract

The research work - action reported in this paper sought to develop, together with the community, a model of collective action for social development site. For this task, was based on theoretical knowledge in the areas of management, social psychology, economics and sociology and the empirical reality experienced by the community in order to offer plausible and possible solutions to real problems faced by the group with which this work was developed. Relying on three pillars, namely: the empowerment group, the practice of mutual aid and development capital in collective problem solving and self-management / self-financing, it was possible to construct a model for socioeconomic development from the forces of the community. The results of such practice are long lasting and sustainable, so that we believe are important and entirely feasible to think of a possibility to re-apply this model in other situation, staying for both the attention and adaptation in relation to the peculiarities of each community to undertake.

Key-words: Site Development. Empowerment. Community.

1. Introdução

Muitos modelos de desenvolvimento local sustentável estão sendo propostos desde a explosão da demanda por projetos sociais participativos, experimentada no Brasil especialmente a partir da década de 80 (TEODÓSIO, 2001; MEREGE, 1998). A onda redemocratizante que acudiu o país convoca os três setores da sociedade, sejam eles o Estado, o mercado e a sociedade civil, a participarem ativamente dos projetos de transformação e desenvolvimento social.

Várias iniciativas estão sendo empreendidas simultaneamente, ora originadas por esforços diretos de órgãos governamentais, ora estimuladas por ações de responsabilidade social corporativas, e muitas vezes, empreendidas por coletividades, formalmente estruturadas ou não, que reúnem cidadãos em favor de uma causa de interesse compartilhado.

Acontece muitas vezes, porém, que vários desses esforços geram resultados aquém dos esperados. Algumas pesquisas tentam identificar aspectos que possam estar contribuindo para o elevado índice de "quase-sucessos" nos projetos sociais (TEODÓSIO, 2005; ASSEF JR., 2004). Outras (SINGER, 2002; ALMEIDA, 2002, FRANCO, 2002), identificam uma nova dinâmica dos movimentos sociais, a qual deve ser levada em conta quando do planejamento e na execução de ações participativas pelo desenvolvimento.

Entretanto, é consenso entre os autores que a existência de uma distância entre planejadores, executores e beneficiados dos projetos é fortemente inconciliável à proposta de desenvolvimento social sustentável. A busca pela integração e pela participação efetiva de todos os atores diretamente envolvidos no processo levou-nos a sugerir um modelo de projeto de desenvolvimento social a ser empreendido por e para a comunidade a que se destina.

O modelo visa despertar na comunidade a capacidade de diagnosticar os problemas reais que vem enfrentado e transformar sua realidade a partir das habilidades e oportunidades geradas dentro do próprio grupo de trabalho.

A pesquisa-ação que resultou no presente artigo visou a montagem e o teste de um modelo de desenvolvimento comunitário que, para validar-se e efetivar-se, deve ser adaptável ao contexto vivido pela comunidade que o colocará em prática. No entanto, é possível guardar um esqueleto do projeto sobre o qual se desenvolvem as ações de desenvolvimento comunitário, que se presta a preservar certa ordem e coerência entre os passos a serem empreendidos pela comunidade.

A pesquisa foi realizada entre fevereiro e dezembro de 2005, no município de Contagem (MG), a partir de um esforço independente das duas idealizadoras do projeto, agora autoras deste artigo.

2. Histórico do Projeto

O grupo piloto para a realização do projeto foi composto, inicialmente, por 20 mulheres com idade variando entre 25 e 67 anos, prole variando entre 2 a 6 filhos, proveniente de famílias com renda per capita por adulto na família inferior a R\$50,00 mensais, habitantes do bairro há oito anos e meio em média e sendo que a maioria nunca ocupou um emprego formal.

A princípio, foi idéia do grupo formar uma cooperativa de trabalho que reuniria essas mulheres enquanto artesãs, para que colocassem em prática o aprendizado das técnicas de

artesanato adquirido através de oficinas realizadas dentro do escopo de um projeto governamental de saúde e bem estar da família.

A proposta de formarem uma cooperativa consistia numa tentativa de inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, de geração de renda para os membros do grupo. Porém, eram várias as dificuldades para a implantação de uma cooperativa naquele contexto, as quais consolidavam obstáculos persistentes para o sucesso do empreendimento.

Os primeiros problemas diagnosticados eram de caráter mercadológico. Notava-se grande dificuldade de escoamento da produção no mercado local, dada à baixa renda da comunidade que, por isso, priorizava o consumo de bens de necessidade, considerando secundários os produtos de artesanato. Soma-se a isso a falta de uniformidade dos bens produzidos e oscilações no volume de produção por causas diversas e dificilmente controláveis pelo grupo. Tal fato, juntando-se à falta de recursos do grupo, dificultava a comercialização dos produtos em outras regiões, o que sugeria a necessidade de um grande esforço para obter-se resultados financeiros com o comércio dos produtos artesanais produzidos pelas cooperadas, para o qual o grupo não mostrava-se preparado.

Importante, também, ressaltar os problemas de caráter social que acometiam o grupo ao tempo que agravavam o quadro de dificuldades para o sucesso do empreendimento cooperativo e tornavam urgente uma ação social que não se limitasse à melhoria da renda população. A consciência de coletividade era frágil. Nas oficinas realizadas anteriormente era evidente o esforço de promoção de capital humano, porém sem grande preocupação em gerar capital social (FRANCO, 2004), isto é, buscava-se agregar valor ao trabalho realizado pelas artesãs individualmente, sem necessariamente enfatizar os benefícios de se trabalhar coletivamente. Outros problemas advinham da deficiência em serviços públicos, o que reforçava a situação de marginalização daquela comunidade. Além disso, a região onde o projeto foi instalado apresentava problemas crônicos que ameaçavam quotidianamente a população, colocando-na em situação de estresse constante e afetando sua auto-estima, dentre os quais destacamos os altíssimos índices de violência doméstica e urbana e a pobreza generalizada da população refletida em modos de vida insustentáveis.

Foi nesse contexto que surgiu a oportunidade para iniciar-se a pesquisa-ação, na qual foi proposto ao grupo de artesãs um projeto de maior amplitude e que pretendia transformar a realidade social experimentada pelos membros do grupo e sua família não passando somente pela geração de renda, mas sim, construindo coletivamente um projeto de desenvolvimento comunitário a longo prazo. O projeto proposto deveria ser estruturado e executado pela própria comunidade, contando com a orientação apenas nas pesquisadoras envolvidas.

3. O Grupo e Metodologia de Trabalho

Aceitando o desafio de transformar a realidade socio-econômica em que viviam através de soluções que não passavam por atividades econômicas tradicionais, o grupo de mulheres passou a reunir-se a cada semana para encontros de planejamento do projeto. Nas reuniões, que duravam, em média, um hora e meia, o quorum de participantes era bastante variado, sempre oscilando entre 8 a 15 participantes. No entanto, era constante a assiduidade de cinco membros, as quais serviam como referência e ponto de coesão para as demais. Para assessorar as reuniões e ajudar o grupo a se organizar para o trabalho, estavam sempre presentes nas reuniões as pesquisadoras autoras deste artigo.

Juntamente com a comunidade, buscou-se estabelecer os passos para a realização do projeto o qual estava intimamente vinculado aos problemas e demandas apresentados pela comunidade, assim como propõe Roesch (2005, p. 156) afirmando que "na pesquisa-ação os

pesquisadores se preocupam em construir uma teoria para a prática". Thiollent quando citado por Gil (1999, p. 46), explica que a pesquisa ação

"... é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo."

Quando em dezembro de 2005, as pesquisadoras reconheceram que o grupo necessitava emancipar-se, foram encerradas as participações nas reuniões, as quais continuaram a acontecer entre os membros do grupo. Os trabalhos do grupo continuam até os dias atuais e os frutos do trabalho de pesquisa-ação não se encerram no período em que foi diretamente realizado. O objetivo da pesquisa foi, na verdade, o de inaugurar uma dinâmica de transformações sociais que se sustentasse ao longo do tempo, através do aprendizado coletivo transformador que redefine o posicionamento político e o engajamento social dos participantes.

O acompanhamento dos trabalhos após dezembro de 2005 se dá de maneira informal, possibilitado pelos vínculos afetivos que se consolidaram entre as pesquisadoras e o grupo de trabalho, que mantêm em contato constante.

4. A Proposta do Trabalho

Para que a proposta de um empreendimento coletivo tivesse um efeito mobilizador era necessário resgatar a confiança de que é possível transformar a realidade a partir do esforço da própria comunidade. O primeiro pilar fundamental do trabalho foi, portanto, o desenvolvimento do empowerment do grupo (BLOCK *apud* JANOV, 1996, p. 140).

Através oficinas realizadas com a aplicação de técnicas de psicologia social e de terapia ocupacional, foi possível desenvolver no grupo um senso de realização, resultando na percepção de que 'fazer junto é mais fácil, mais divertido e gera melhores resultados para todos'.

O segundo pilar fundamental do trabalho era o da ajuda mútua para a solução de problemas comuns a todas as participantes. Para tanto, foi necessário realizar um diagnóstico dos principais problemas enfrentado pela comunidade e pensar nas possíveis soluções que poderiam surgir a partir dos esforços do próprio grupo e do bairro.

O modelo para esse diagnóstico foi inspirado na ferramenta de análise estratégica conhecida como matriz SWOT desenvolvida pelos professores Kenneth Andrews e Roland Christensen, da Harvard Business School durante a década de 70, e mundialmente difundido pelos mais conhecidos autores da área de estudo de estratégia empresarial, como Porter (1986) e Mintzberg (2000).

Partindo da análise do ambiente comunitário, as mulheres foram convidadas a elencar os principais problemas que enfrentavam no seu dia-a-dia (avaliação externa). Observou-se que nesse "brainstorm" queixas pontuais misturavam-se a problemas crônicos da comunidade e à reprodução de clichês do discurso político. A fim de priorizar os problemas reais, urgentes e passíveis de serem minimizados pela ação do grupo, a lista dos problemas passou por dois processos de categorização. O primeiro buscava evidenciar aqueles problemas que realmente eram enfrentados pelo grupo no cotidiano. Para diferenciá-los dos "clichês", cada participante deveria citar um exemplo de quando percebeu tal dificuldade e dizer se essa experiência estava se repetindo com frequência.

Na segunda etapa da categorização, o grupo era convidado agrupar em três categorias os problemas selecionados no primeiro processo. Os critérios para essa segunda categorização distinguiam

- a) os problemas pelos os quais o grupo poderia agir a partir de sua própria força (exemplo: aquisição de víveres),
- b) aqueles que precisariam da ajuda dos governos para serem minimizados/solucionados (exemplo: melhoria do atendimento público de saúde) e
- c) aqueles que dependiam de múltiplos fatores externos ao grupo e, portanto, uma solução alto teor de complexidade seria demanda (exemplo: redução das taxas de criminalidade).

Mais uma vez foram priorizados os problemas mais próximos da realidade do grupo e para os quais as ações do grupo poderiam surtir efeito mais imediato. Esses problemas assim apresentados caracterizavam, na análise SWOT as ameaças cotidianamente sentidas pelo grupo.

Também foram expostos problemas relacionados com o próprio grupo, como a dificuldade de encontrarem emprego formal, a violência doméstica a que se submetiam, a dificuldade de se mobilizar para o trabalho coletivo e o sentimento de depressão e resignação diante dos obstáculos e dificuldades que surgiam quando tentavam empreender algum esforço para a melhoria das condições de suas vidas, o que representavam, na matriz SWOT, as fraquezas do grupo.

Porém, essa etapa "negativa" do diagnóstico e categorização dos problemas descrita nos parágrafos acima não pode delongar-se por muitas reuniões, uma vez que resultou num desencorajamento geral diante dos problemas.

Era chegada a hora, portanto, de trabalhar o outro quartil da matriz SWOT que propunha analisar as oportunidade que existiam no ambiente e as forças endógenas ao grupo e à comunidade. O grupo foi convidado a falar das coisas boas que a vida naquela comunidade lhes oferecia. Tentado vislumbrar as coisas boas do bairro, o grupo começava a resgatar o orgulho de pertencer àquela comunidade, ou seja a auto-estima necessária para se empreender uma ação coletiva.

1. Ameaças (problemas no ambiente) 1.1: Problemas "Lugar – comum" OU sem solução por ação do grupo. baixa renda, desemprego, distância da sede do poder público, descaso do poder público, distância do centro comercial do município, falta de investimento público em obras sociais, falta de investimento público em obras de infraestrutura, baixa escolaridade da população adulta, ausência de grandes empresas no bairro.			Oportunidades (vantagens do ambiente) <input checked="" type="checkbox"/> relações de amizade com vizinhos, <input checked="" type="checkbox"/> bairro arborizado, <input checked="" type="checkbox"/> ruas largas, <input checked="" type="checkbox"/> espaço para as crianças brincarem, <input checked="" type="checkbox"/> proximidade das paradas de ônibus, <input checked="" type="checkbox"/> comércio local variado, <input checked="" type="checkbox"/> proximidade de uma centro de referência da comunidade (Casa da Família – governamental).
1.2 a) Problemas Complexos <input checked="" type="checkbox"/> violência <input checked="" type="checkbox"/> altos preços praticados no comércio local, <input checked="" type="checkbox"/> alta incidência de tráfico de drogas	1.2. b) Problemas que envolvem atores estatais <input checked="" type="checkbox"/> serviços públicos de saúde precários <input checked="" type="checkbox"/> falta de rede de esgoto <input checked="" type="checkbox"/> ruas não cadastradas dificuldade de transporte para o centro comercial e administrativo do	1.2 c) Problemas que podem ser trabalhados pelo grupo <input checked="" type="checkbox"/> falta de empregos no bairro <input checked="" type="checkbox"/> violência doméstica <input checked="" type="checkbox"/> inexistência de uma creche para deixar as crianças fora do horário de escola, <input checked="" type="checkbox"/> falta de proteção diante da criminalidade <input checked="" type="checkbox"/> pequena mobilização da comunidade para as ações	

	município <input checked="" type="checkbox"/> inexistência de uma creche na comunidade.	comunitárias <input checked="" type="checkbox"/> ausência de uma associação comunitária ativa	
↓	Fraquezas (problemas do grupo) <input checked="" type="checkbox"/> grande parte dos membros do grupo sem emprego formal. <input checked="" type="checkbox"/> Baixa renda familiar ⇒ dificuldade de acesso a bens de consumo (víveres e medicamentos) <input checked="" type="checkbox"/> violência doméstica experimentada pelas mulheres do grupo <input checked="" type="checkbox"/> insegurança diante da criminalidade na região <input checked="" type="checkbox"/> dificuldades para se ausentarem do ambiente doméstico <input checked="" type="checkbox"/> Inexistência de um grupo comunitário coeso		Forças (vantagens do grupo) <input checked="" type="checkbox"/> vontade para trabalhar <input checked="" type="checkbox"/> tempo disponível <input checked="" type="checkbox"/> relações de vizinhança facilitam a interação <input checked="" type="checkbox"/> confiança nos membros <input checked="" type="checkbox"/> identidade ideológica facilitando a coesão.

Figura 1: Matriz SWOT com respostas obtidas pelo brainstorm do grupo

Dando andamento ao processo, as participantes foram convidadas a falar dos estímulos que as levavam a reunirem-se e quais as vantagens elas já tinham experimentado desde que começaram a agir em grupo. Identificada a energia transformadora do grupo, a lista dos problemas priorizados foi retomada para dar início a uma novo 'brainstorm', no qual seriam apresentadas as propostas de soluções para tais problemas. Assim, nasciam as ações operacionais de transformação social.

Importante ressaltar que um terceiro pilar sobre o qual se apoia o projeto é o da auto-gestão e auto-financiamento. A partir dos ensinamentos sobre cooperativismo (MENEZES, 2004; RICCIARDI & LEMOS, 2000; SCHNEIDER, 1999), aprendeu-se que a sustentabilidade de organizações coletivas muitas vezes depende de sua autonomia e independência. Dessa forma, todo o dinheiro aplicado nas ações operacionais do projeto proveio de ações do próprio grupo. Aceitavam-se doações de trabalhos voluntários, de agasalhos e alimentos e de matéria prima para as oficinas de artesanato, mas não houve qualquer tipo de investimento financeiro proveniente de terceiros ou de um dos membros do grupo individualmente. Todos os recursos financeiros empregado no projeto, durante o período da pesquisa, os quais totalizaram R\$472,00, foram levantados pelo próprio grupo, a partir de suas ações coletivas, como a realização de bazares para a venda dos agasalhos doados e de um "bingo entre amigo" realizado na comunidade.

Outro ponto fundamental para o projeto refere-se à estrutura organizacional e a prática da liderança. Relutou-se em definir uma estrutura organizacional com tendências à centralização de poder. Na contra-mão do que é exigido para a formalização de organizações do terceiro setor, não se elegeu presidente, conselheiros e diretores. Buscou-se, na verdade, uma estrutura horizontal, na qual definiam-se apenas os responsáveis pelas ações do grupo, para fins de operacioná-las, dada a necessidade de reconhecer aqueles membros que se responsabilizavam pela implementação e manutenção dos passos do projeto. Os sub-grupos d responsáveis por cada uma das ações que operacionalizavam o projeto remetiam-se ao grupo como um todo. Essa ausência de liderança formal visava estimular a co-responsabilidade de todos os envolvidos e erigir um modelo organizacional organicamente democrático, no qual o poder decisório e de ação eram compartilhado entre os membros de maneira equânime. Isso exigiu ruptura com a tradição de ação social conhecida pelo grupo anteriormente ao projeto, na qual os beneficiados atuavam passivamente ou eram "manejados" por lideranças comunitárias que centralizavam o poder.

Construir uma atitude pró-ativa e de co-responsabilidade no seio do grupo era fundamental para a prática da auto-gestão que estava sendo proposta. Essa prática, ainda, apoia-se na democracia participativa, na qual os membros constróem as decisões do grupo a partir de discussões onde todos os envolvidos têm poder de deliberação. Conforme defende Avritzer (2003), a dinâmica da democracia participativa permite aos atores sociais atuantes

identificar lacunas distributivas na comunidade e realizarem o ranking de prioridades, considerando os problemas mais graves para a coletividade, o que, aliás, é marcado por um alto teor de altruísmo e de comprometimento social.

A manifestação de lideranças aconteceu naturalmente ao longo do processo de evolução do grupo, seguindo a lógica revelada por Ferraz e Fischer (2001, p. 9): "seja em organizações formais ou informais, há a tensão inerente a um fenômeno que é, por natureza, dialético, e se configura nos contextos de interação de pelo menos dois pólos: liderança e seguidores". Assim, a medida que essas lideranças eram reconhecidas e legitimadas pelo grupo, elas passavam a assumir um papel de referência para os demais membros, ao mesmo tempo em que assumiam, naturalmente, uma carga ampliada de responsabilidades, atuando, em algumas situações, como representante do grupo nas interações com outros atores da sociedade.

5. A implementação do Trabalho

A partir da análise SWOT, foram abertas duas linhas principais de trabalho simultaneamente, sendo que uma delas buscava promover a renda direta, enquanto a outra trabalhava por gerar renda indiretamente.

Para a geração de renda nos moldes convencionais, o grupo optou por dar continuidade às oficinas de artesanato contando sempre com instrutoras voluntárias que nem sempre eram membros do grupo, mas que compartilhavam interesses e adesão à causa. Entretanto, o plano da formação da cooperativa foi postergado, de modo que para a venda dos produtos fabricados nas oficinas exigia-se esforços particulares e a conseqüente distribuição dos resultados financeiros gerados seguia as decisões daqueles membros diretamente envolvidos com essas atividades.

Motivadas pelo espírito do trabalho coletivo, algumas artesãs começaram reunir-se para comprarem juntas as matérias primas necessárias à produção, gerando assim pequenos grupos de compras auto-geridos. Também organizavam-se informalmente para vender os produtos em outros bairros, contactando vendedoras autônomas de sua rede de relacionamento, para as quais concediam uma taxa de comissão de vendas.

Quanto a realização das oficinas, o grupo buscava financiar os materiais para produção com a renda de bazares organizados ocasionalmente, nos quais eram comercializadas os materiais doados ao grupo e os produtos gerados nas oficinas. Algumas vezes, também destinou-se parte dos excedentes gerados pela vendas do artesanato para a matéria prima utilizada nas oficinas, conforme decisão das artesãs envolvidas na realização da produção vendida.

Na linha de trabalho para a geração de renda indireta, buscou-se trabalhar possibilidades para se 'economizar'. Partindo de uma análise dos hábitos de consumo das família envolvidas no projeto, buscou-se identificar quais produtos poderiam ser fabricados dentro do próprio grupo para consumo interno, substituindo a necessidade de que fossem comprados, e assim, possibilitando um aumento relativo da renda familiar.

Novamente foram abertas duas linhas de trabalho: uma delas buscando desenvolver habilidades individuais que resultaria em economia doméstica. Nesse sentido foram promovidos cursos de fabricação de sabão, curso de culinária visando melhor aproveitamento dos alimentos e a melhoria dos hábitos alimentares da população e um curso de corte e costura.

A outra linha de trabalho buscava estimular o trabalho em mutirão, sendo duas as principais ações empreendidas: o plantio de uma horta comunitária e o "dia do biscoito",

quando as mulheres reuniam esforços e ingredientes para assar biscoitos de polvilho num forno a lenha existente num área da prefeitura que, quando solicitado, era emprestado ao grupo sem qualquer ônus. A fabricação desses biscoitos exigia baixo investimento em matéria prima, mas somente tornava-se viável se fabricado em grandes quantidades, sendo ideal o trabalho em mutirão com distribuição dos resultados.

Essas ações visavam servir de exemplo e estímulo para a geração de renda indireta e deveriam ser multiplicadas ao longo do tempo, com novas possibilidades de economizar sendo planejadas e ensinadas pelo grupo. Cogitou-se montar um galinheiro comunitário, para o suprimento de ovos e carne de frango, mas o projeto não efetivou-se durante o período da pesquisa, sendo mantido como um plano para o futuro breve.

A educação para a coleta seletiva, a construção e reforma das casas por trabalho em mutirão e a troca de produtos fabricados pelos membros do grupo despontavam-se como ações a serem estimuladas e empreendidas para a melhoria do nível de vida do grupo sem que tivesse que passar pela geração de renda monetária.

Aliás, a prática do escambo apresentava-se como uma oportunidade de minimizar um outro problema urgente: a aquisição de medicamentos, o que levou à formação de uma "farmacinha do grupo", onde eram doados as sobras dos medicamentos adquiridos pelos membros nos casos de necessidades. A gestão da farmacinha exigiu alto grau de responsabilidade das participantes, estando sempre alertas para os riscos da auto-medicação e de estocagem dos medicamentos, conforme orientado pela assistente social do bairro.

A rede de ajuda mútua baseada na relações de boa vizinhança vinham a contribuir para minimizar os outros dois problemas apontados pelo grupo, sejam a insegurança diante da criminalidade e a violência doméstica. Era comum movimentações estranhas no bairro que resultavam em 'troca de tiros'. Assim, o grupo convencionou distribuir os contatos de todos os membros para facilitar a comunicação no caso de alguém perceber movimentações suspeitas.

Da relação de confiança que foi surgindo naturalmente na interação dos membros, as mulheres sentiam-se mais fortalecidas para enfrentar a violência doméstica, podendo recorrer apoio e abrigo das colegas de grupo em caso de necessidade. Também, nas reuniões dos grupos buscava-se despertar a consciência de não submeter-se a maus tratos em casa.

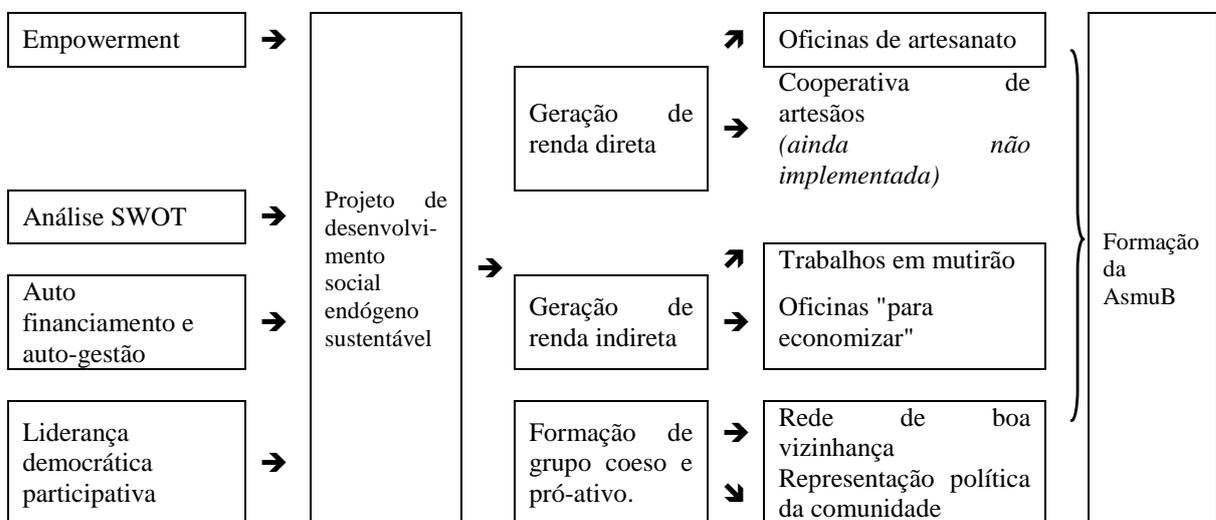


Figura 2: Representação gráfica do processo de pesquisa-ação.

Além disso, essa relação de confiança proporcionou a possibilidade de uma participante cuidar dos filhos de outra quando houvesse a necessidade de ausentar-se do

ambiente doméstico. No entanto, continuava vigorando no grupo a demanda pela criação de uma creche comunitária, problema que também foi diagnosticado quando do diagnóstico baseado no modelo SWOT.

Quanto a última dificuldade da lista de problemas: a inexistência de uma entidade de representação comunitária coesa e legítima, ao longo da dinâmica dos trabalhos foi se formando uma associação comunitária com tendências à formalização no curto prazo, a qual foi idealizada pelas participantes sob a sigla de AsmuB, significando Associação das Mulheres Unidas do Bairro. As ações do grupo chamou bastante atenção do poder público, que o elegeu como interlocutor para as discussões relativas ao bairro.

6. Considerações Finais:

Os benefícios conseqüentes à formação do grupo e do capital social obtidos ao longo da pesquisa são difíceis de serem mensurados, mesmo porque não se encerram em resultados pontuais, mas obedecem a uma lógica sistêmica, onde cada efeito desencadeia outros efeitos, criando assim uma cadeia de mudanças que se retro-alimenta.

Por conseguinte, percebe-se uma transformação profunda no modo de pensar e nas atitudes do grupo, que incorporou definitivamente a consciência cidadã e a noção de coletividade em suas ações e em seu discurso. Tal aprendizado não é possível de ser negligenciado ou mesmo sequer perdido ao longo do tempo, mesmo que alterem-se as ações do projeto original para fins de adaptarem ao novo cenário que possa se apresentar para o grupo.

O projeto tem vida própria e, portanto evolui sempre vinculado a essa nova visão de mundo que foi construída coletivamente e que define uma nova relação com os diversos atores sociais. O sucesso do projeto portanto, consolida-se nessa transformação e pode ser avaliado objetivamente de duas maneiras: pelo grau de satisfação dos membros do grupo com as transformações que experimentam desde o início do projeto e pela continuidade das ações coletivas para a melhoria da qualidade de vida na comunidade, mesmo depois de emancipado o grupo do trabalho de pesquisa-ação .

Assim como a horta comunitária plantada durante a pesquisa-ação, o capital social que foi construído ao longo da pesquisa continua gerando frutos que alimentam a comunidade possibilitando uma vida mais saborosa e mais saudável.

Referências

- ALMEIDA, F.. **O Bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- ASSEF JR., V. Terceiro Setor sob um olhar crítico: propostas para o avanço do debate, **Revista Integração**, São Paulo: GVCets, ano VII, no. 43, outubro, 2004.
- AVRITZER, L. . O orçamento participativo e a teoria democrática: um balanço crítico. In: Leonardo Avritzer; Zander Navarro. (Org.). **A Inovação Democrática no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BENATO, J. V. A.. **O ABC do Cooperativismo**. São Paulo: OCESP – SESCOOP, 2002.
- BIANCHI, S. **Quanto vale ou é por quilo?** (filme), Europa Filmes, Brasil, 2006.
- CHIAVENATO, I. **Introdução à Teoria Geral da Administração**: um visão abrangente da moderna administração das organizações: edição compacta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

- FERRAZ, M. A. ; FISCHER, T.. Liderança e mediação de identidade: *a palavra dos líderes e a voz da mídia*. In: **XXV ENANPAD, 2001**, Campinas. Anais. CD ROM, 2001.
- FRANCO, A. de. **A nova sociedade civil: o terceiro setor e seu papel estratégico**. Brasília: Agência de educação para o Desenvolvimento, 2002.
- FRANCO, A. de. **O lugar mais desenvolvido do mundo: investindo no capital social para promover o desenvolvimento**. Brasília: Agência de educação para o Desenvolvimento, 2004.
- GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- JANOV, J.. **A organização inventiva: ousadia e dedicação no trabalho**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- MENEZES, A.. **Cooperativa de crédito: o que é e quais seus benefícios**. Brasília: Stilo Editora, 2004.
- MEREGE, L. C. . Editorial da Revista Integração. **Revista Integração**, São Paulo: GVCets, ano I, no. 1, 1998.
- MINTZBERG, Henry, Bruce AHLSTRAND & Joseph LAMPEL. *Safári de estratégias: um roteiro pela selva do planejamento estratégico*. Porto Alegre: Bookman, 2000.
- PORTER, Michael E.. *Estratégia Competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Campus, 1986.
- RICCIARDI, L. & LEMOS, R. J. DE. **Cooperativa, a empresa do século XXI: como os países em desenvolvimento podem chegar a desenvolvidos**. São Paulo: LTr, 2000.
- ROESCH, S. M. A.. **Projetos de estágios e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e estudos de caso**. São Paulo: Atlas, 2005.
- SCHNEIDER, J. O.. **Democracia, participação e autonomia cooperativa**. 2ª ed., São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- SINGER, P.. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
- TEODÓSIO, A. S. S. . Pensar pelo avesso o Terceiro Setor: *mitos, dilemas e perspectivas da ação social organizada no Brasil*. In: STENGEL, M. *et al* (Org.). **Políticas públicas de apoio sociofamiliar**. Curso de Capacitação de Conselheiros Tutelares e Municipais. Belo Horizonte, 2001.
- TEODÓSIO, A. S. S. . Por uma agenda crítica de estudos sobre Terceiro Setor: *um ensaio crítico para além da crítica*. **Revista Integração**, São Paulo: GVCets, ano VIII, nº. 54, outubro, 2005.